Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

VOCIFERAÇÕES E SEUS TRATAMENTOS POSSÍVEIS[1]

Mauro Mendes Dias – mauro.m.dias@uol.com.br

Resumo: O título do artigo também designa um projeto do Instituto Vox de Pequisa em Psicanálise, apresentado no IX Encontro Nacional e Colóquio Internacionaldo Corpo Freudiano. Aprofundando seu conceito de vociferações, o autor o interliga com discurso, posição de gozo dos sujeitos e voz. A seguir entrosa esse conceito nas elaborações de Victor Klemperer sobre nazismo, Arendt sobre totalitarismo, e Semelin sobre genocídios. Segue com Lacan, Didier-Weill e Vives considerando as condições da voz. Finalmente, aborda as condições das vociferações e da função da música para fundamentar o desenvolvimento do tema do tratamento.

Palavras-chave: discurso; gozo; tratamento; vociferações.

São Paulo
2023

[1] Rio de Janeiro, 15 de novembro, 2019. IX Encontro Nacional e Colóquio Internacionaldo Corpo Freudiano –

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



VOCIFERATIONS AND THEIR POSSIBLE TREATMENTS

Mauro Mendes Dias – mauro.m.dias@uol.com.br

Abstract: The title of this article also designates a project by the Vox Institute for Research in Psychoanalysis, presented at the IX National Meeting and International Colloquium of the Corpo Freudiano school of psychoanalysis. Deepening his concept of vociferations, the author interconnects it with speech, the subjects' *juissance* position and voice. This concept then fits into the elaborations of Victor Klemperer on Nazism, Arendt on totalitarianism, and Semelin on genocides. It continues with Lacan, Didier-Weill and Vives considering the conditions of the voice. Finally, it addresses the conditions of vociferations and the function of music to support the development of the treatment theme.

Keywords: discourse; jouissance; treatment; vociferations.

São Paulo
2023

Vociferações e seus tratamentos possíveis

Introdução

Nomeio como vociferações os efeitos que se recolhem no discurso e na posição de gozo de um sujeito, quando se constata a retirada de cena da voz como elemento que sustenta sua particularidade. Nesse sentido fica estabelecida uma diferenciação com a acepção de vociferar em nossa língua, uma vez que se a define, enquanto verbo intransitivo, como sinônimo de falar aos brados ou colericamente e, como verbo transitivo direto, de proferir aos gritos ou com voz forte.

Indico que há uma diferença significativa com relação às definições habituais porque, nestas últimas, se constata que, além de encerrarem as vociferações numa intensidade afetiva para pronunciar as palavras, ou seja, ao que é sonorizavel, limita-se o alcance do problema a variações de humor provocadas por acontecimentos contingentes.

Ao fundamentar as vociferações como efeito da retirada de cena da voz do sujeito, procuro investigar os discursos responsáveis pelo agenciamento de tal posição. Tanto quanto as modalidades de gozo que operam na economia subjetiva de forma a manter o mesmo sujeito cativo nessa montagem.

Após essa breve indicação das vociferações no discurso corrente, quero também insistir na importância de ressaltar que o exercício delas não se limita a um conjunto de sujeitos que se encontrariam privados das condições de inteligência, de recursos econômicos e/ou intelectuais.

No vasto espectro de estudos à disposição, insisto, para fazer uma aproximação do problema das vociferações, em que existem três livros que abordam muito diretamente essas condições a que me referi, quais sejam, redução ao nível mínimo da polissemia da língua, tanto quanto aceitação em ocupar uma posição de entrega a um Outro que promete terminar com as causas das privações que são vividas e, ainda, retomada de um momento em que as relações eram vividas de uma forma mais pura. Nos livros *A linguagem do Terceiro Reich*, de Victor Klemperer (1947/2009), *Origens do totalitarismo*, de Hannah Arendt (1951/1989) , e *Purificar e destruir*, de Jacques Semelin (2005/1009), podemos recolher aproximações com o que aqui segue nomeado como vociferações, uma vez que procuram entender as diferentes mutações subjetivas que se instalaram numa temporalidade que, se não é definitiva, tampouco é de curta duração.

Quando Hannah Arendt insiste em afirmar que o totalitarismo surge de dentro dademocracia, quando Victor Klemperer constata que o nazismo se instalou pelo esvaziamento da polissemia da língua e a proliferação repetida de palavras impostas, e quando Jacques Semelin no estudo consagrado aos três grandes genocídios da história ocidental afirma que cada um deles foi acionado por ordens de

extermínio após a redução de cada um dos grupos à condição de dejeto, sejam ratos, baratas ou porcos, podemos constatar que, mais além de cultivar laços que sustentem dignidade, respeito e reconhecimento de diferenças, existem momentos na história da humanidade onde o que importa é fazer triunfar e estabelecer o maior tempo possível um regime de destruição sistemática de tudo aquilo que revela o patrimônio da cultura humana, que precisou de décadas e às vezes de avanços de séculos para se afirmar.

Seguindo os avanços de Jacques Lacan (1957-58/1999) no que refere à voz como objeto da pulsão invocante, tanto quanto os de Alain Didier-Weill (1997a,b), que mostrou a condição de primariedade dessa pulsão para articular o circuito desde o qual um novo sujeito se estrutura e advém, e as elaborações de Jean-Michel Vives (2009) sobre o ponto surdo, como condição que a instalação do recalque promove para barrar parcialmente a voz do Outro, permitindo que o sujeito advenha de forma particular no exercício das significações, passo às seguintes considerações:

1- Falar de vociferações, hoje, não é o mesmo que fazer mais um diagnóstico de época, tal como o de "perversão generalizada (LEBRUN, 2010)" ou "paranoia comum (JULIEN, 1999)". Isso porque a posição vociferante nos constitui à medida que seu fundamento nos orienta na direção dessa condição que nos habita, qual seja, ser falado e habitado pela voz do Outro, como sinônimo do desejo a partir do qual cada um advém na própria voz. Que a voz do Outro, como sinônimo da força do seu desejo, possa constituir a cada um de nós, privando o poder encadeador da palavra é o que nos permite considerar que há momentos, seja na história individual, seja na coletiva, em que se é confrontado com as condições para se separar do encantamento da sideração, tanto quanto para se deixar tomar pelo canto silencioso das sereias.

2- Como afirmei, abordar as vociferações com rigor implica ligá-las à estruturação do falante pela voz do Outro; significa que não se trata de reduzi-las à exasperação de palavras de ordem e mobilização de afetos injuriosos. Ao contrário, os seres vociferantes são habitados pela paixão, pela paixão da estupidez. Entendendo, segundo Robert Musil (1937/2000) num libelo intitulado *Sobre a estupidez,* que uma das características do estúpido é ser de tal forma movido por uma paixão que o leva, inclusive, a prejudicar os interesses dos outros e os de si mesmo. Ele não consegue parar, tampouco retroagir.

   Volto a insistir que não se trata aqui de reduzir o problema a incursões psicopatológicas já firmadas, como a da psicose, em seu quadro maníaco, mas sim à modalidade de gozo segundo a qual a estupidez se liga à boçalidade.

3- Para finalizar, indico que o título da minha apresentação de hoje é o mesmo de um Projeto em curso no Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise, em São Paulo. A ele se conecta o Vociferarte, que é dirigido por Daniele Sanches e Luiz Eduardo de Vasconcelos. Trata-se de uma atividade, a partir de encontros e reflexões com artistas, para articular tratamentos possíveis para o que foi apresentado. Isso porque, da mesma forma que cada um se vale da experiência e do manejo da análise por um psicanalista para a conquista da própria voz, culminando na invenção de uma posição que é efeito do esvaziamento da consistência do Outro e do lugar que se mantinha com ele, a inclusão de "alguns outros" no tratamento das vociferações no laço social implica, tal como na análise em intensão, *falar com* e não *falar sobre*. Condição essa que permite se valer do discurso, como discurso sem palavras, ao invés de tentar demover ou convencer aqueles que consentiram nas vociferações.

Que a música participe dessa possibilidade de tocar a cada um sem pedir licença, tantas vezes lembrada por Alain, permita que nos aproximemos de uma estrutura e experiência que pode vir a fazer barreira à tendência que se estende por diferentes países de transformar humanos em rinocerontes, tal como na peça de Ionesco (1959/2005).

Entendo que a música não deve ser tomada como sinônimo somente do que escutamos como efeito da reunião de notas musicais. Além disso, há música que vem da palavra, tal como elaborado pelo compositor e linguista Luiz Tatit (2002) e por Alain; este último falando em sonata materna.

As condições de encantamento se encontram diretamente ligadas a um fazer barreira a estetizar o pior. A continuação da pesquisa nessa direção tem anunciado, até agora, sinais que permitem apostar em seus avanços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. (1951). **Origens do totalitarismo.** Trad: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DIDIER-WEILL, A. **Nota azul: Freud, Lacan e a Arte**, 2a ed., v. 1. (Trads: C. Lacerda e M. J. de Moraes). Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997a.

_____. **Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997b.

IONESCO, Eugène (1959). **O Rinoceronte.** *Trad.* Luís de Lima; prefácio Zora Seljan – [ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015

JULIEN, P. **As psicoses: um estudo sobre a paranóia comum**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

KLEMPERER, V. (1947). **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. Trad: Miriam B. P. Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

LACAN, J. (1957-1958). **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LEBRUN, J-P. **A perversão comum: viver juntos sem outro**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

MUSIL, R. **Sobre a estupidez**. 3ª ed. Belo Horizonte, Veneza: Âyiné, 2020.

SEMELIN, J. (**2005). Purificar e destruir**. Trad: J. Bastos. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TATIT, L. **O Cancionista: composições de canções no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Edusp.

VIVÈS, J.M. A pulsão invocante e os destinos da voz. Trad: Francisco R. de Farias. **Psicanálise & Barroco em Revista,** vol.7, n.1, jul. 2009.